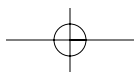
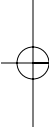


EDUARDO MOGA



Eduardo Moga (Barcelona, 1962) publicou: *Razón de ser*, Cuadernos de INICE, Salamanca, 1992; *Ángel mortal*, Ed. del Sorbal, Barcelona 1994; *La luz oída*, Adonáis, Rialp, Madrid, 1996; *Detrás de mis ojos*, Col. El carro del sol, Zamora, 1997; *La ordenación del miedo*, Col. Trujals, Cambrils, 1997; *El barro en la mirada*, DVD, Barcelona, 1998; *Diez sonetos*, Col. La Borrachería, Zamora, 1998. Um livro de rítmicas prosas memoriosas foi publicado em Lisboa, Edições Tema, 1999, em tradução de Hermínio Chaves Fernandes: *Unánime fuego/Unânime fogo*. O seu livro mais recente, no registo de demarcados poemas em prosa, é *El corazón, la nada*, Bartleby Editores, Madrid, 1999.

Um dos seus livros centrais, *La luz oída*, principia pelos versos que constituem o primeiro excerto a seguir traduzido, «Que dentro há um sol», e termina cerca de oitocentos versos depois, sem qualquer estrofe, no que constitui o segundo excerto traduzido, «Sempre o soubemos». Através de imagens de um contido grau alucinatório, o seu exacerbamento vocábular mantém uma proposta retórica quantitativamente singular no espaço da poesia da época.

Em *El barro en la mirada* há já um conjunto de cinco poemas, apesar de se manterem fiéis ao tamanho longo. (Este procedimento de introduzir alguma distinção entre poemas apesar de tudo longos ainda se mantinha em *Ángel mortal* e é retomado em *La ordenación del miedo*, bem como, obviamente, em *Diez sonetos*.)

Nesses cinco poemas, de que se retirou o último excerto aqui traduzido, reafirma-se a qualidade pletórica da linguagem, a sua magmática conjugação da interioridade com a exterioridade dos seres. É uma vasta meditação, através de imagens abruptamente interligadas, de um discurso de vasto desencadeamento metonímico sobre o mundo natural, sobre o mundo do sujeito e sobre o mundo da palavra literária.

Que dentro há um sol. Como germina no ataúde
invisível do corpo. Como arreigadamente
brilha, com que penumbra de assombrado meteoro,
com que óptima quietude. Alamedas suspensas
esperam, junto do músculo, que se esvazie o fogo
que impregna a noite. É a teia, cerrada,
que regressa; é o raio inverso que revela
com a sua voz seminal as possibilidades
do gelo. A cinza dessangra-se. O cereal,
aproximando-se, procura gargantas onde furtar-se
às ardentes chuvas, fundamentos para a ponte
que só os vivos não-de pisar, os inermes,
os que se curaram. Touros que respiram como arcos
tensos: ainda não. Acérrimos cavalos
que optam pelo sismo: não. Água que se vertebrada,
como um súbito pescoço, ou cravos que a ferem:
ainda não. Terra sem sexo que oferece
o seu voo, a sua lentíssima energia, às árvores
impacientes; penínsulas faltas de sol e omoplatas,
onde vertiginosos peixes, inacabados
ainda, ignoram o fluir dos sudários.
É demasiado cedo para o tempo.

[...]

[...]

Sempre o soubemos: somos erro, erro
que caminha e constrói pirâmides, erro
que julga e apedreja e se solidifica
e reza a Deus e quebra as ancas do vinho.
E antes de perceber ao nosso redor
a lentidão com que trabalham os fósseis, muito antes
de saber que só há um mundo — espera, ser —
e que o vento que move os plátanos também
move as nossas correias e que um mesmo escoamento
luminoso — detém-te — arrasta a gangrena
e o silício e o pânico e as folhas do ácer
para um mar em silêncio onde tudo se anula
e dolorosamente recomeça, muito antes
de nos darmos conta da nossa radical
penumbra, construímos a casa dos sabres
e caímos, cobertos de língua, num nadir
de destruição, de edemas e de recifes, de gruas,
de enxertos e suor, de seiva acorrentada,
com a única ambição de iludir o crónico
esqueleto, mas indo até ele, vendo-o erguer-se,
sentindo que se incarna no voo exausto
do condor e da farinha, na polpa indómita
dos assassinados, na hérnia do bosque
que já não vê a luz, que só sente o hálito
dos astros mais negros, lentamente invocados.